



TRABALHO

TEMPO E VIDA

DAS MULHERES



Daiana da Silva
Eleutéria Amora da Silva



Rio de Janeiro, 2009.





CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
S233m

Silva, Daiana da, 1986-
Trabalho, tempo e vida das mulheres / Daiana da Silva, Eleutéria Amora da Silva. - 1.ed. - Rio de Janeiro : CAMTRA, 2009.
32p. : il.

Baseada na pesquisa Retrato de Mulheres Trabalhadoras, realizada com 127 trabalhadoras do SAARA, RJ, em 2009
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-61881-03-0

1. Trabalhadoras - Saara (Rio de Janeiro, RJ). 2. Mulheres - Empregos - Rio de Janeiro (RJ). 3. Papel social. 4. Trabalhadoras - Administração do tempo. I. Silva, Eleutéria Amora da, 1956-. II. Casa da Mulher Trabalhadora. I III. Título.

09-5192.

DD: 331.40981
CDU: 331-055.2(81)

30.09.09 01.10.09

015443

Casa da Mulher Trabalhadora - CAMTRA
Rua Pedro I, 07 - SALA 804 (parte)
Centro - Cep: 20060-050 - Rio de Janeiro/RJ
Tel.: 55 21 2544- 0808
Internet: www.camtra.org.br
correios eletrônicos:
camtra@camtra.org.br

Coordenação Executiva da Camtra:
Eleutéria Amora da Silva
Coordenadora Geral

Julia Paiva Zanetti
Coordenadora Financeira

Carla de Oliveira Romão
Coordenadora de Relação Institucional

Iara Amora dos Santos
Coordenadora Suplente

Equipe de Redação

Alaiane de Fátima dos Santos Silva
Daiana da Silva
Eleutéria Amora da Silva
Iara Amora dos Santos

Edição de Gráficos

Alana Barroco Vellasco Austin

Projeto Gráfico e Diagramação

Claudinei de Castro
www.claudinei.com.br
Tel: (21) 9625-5800

Fotos

Claudinei de Castro - Capa e páginas 04, 09, 13, 15, 16 e 17
Arquivos da Camtra - Páginas 06, 08, 10, 11 e 12

Tiragem

1.000 exemplares

Impressão

Impressos de Arte Ltda
Tel: (21) 2509-3311

Índice

- 6 Introdução
- 8 Trabalho
- 13 Tempo
- 15 Vida das Mulheres
- 18 Dados da Pesquisa
“Retrato de Mulheres
Trabalhadoras”
- 29 Referências
Bibliográficas



Introdução

Este é um pequeno retrato da rotina de milhares

de trabalhadoras do Centro Comercial do SAARA (Sociedade de Amigos das Adjacências da Rua da Alfândega)¹, maior centro de comércio popular a céu aberto da Cidade do Rio de Janeiro, com aproximadamente 1200 estabelecimentos comerciais, sendo 700 lojas, onde circulam diariamente cerca de 70.000 pessoas e a mão de obra empregada é constituída em sua maioria por mulheres. No entanto, também poderia ser a descrição da vida de outras milhões de mulheres brasileiras,

Acordar ainda de madrugada, aprontar a comida, deixar as/os filhas/os na escola ou na casa de outra pessoa, enfrentar cerca de 1 hora ou mais em ônibus lotado, até chegar ao local de trabalho, começar uma jornada de cerca de 10 horas diárias no trabalho, na volta enfrentar o mesmo trânsito e condução lotada. Finalmente, ao chegar a casa, já tarde da noite, iniciar outra jornada de trabalho, lavar louça, passar roupa, dar uma arrumada na casa...

principalmente aquelas das camadas populares, que se encontram inseridas no mercado formal de trabalho brasileiro e tem de arcar com a dupla jornada.

Embora nas últimas décadas a participação das mulheres no mercado de trabalho venha crescendo gradativamente, constituindo 42% da PEA (População Economicamente Ativa) em 2002², as mulheres ainda estão em condições desiguais. Sobre a participação das mulheres no mercado de trabalho, aponta-se que

[...], apesar de ocorrer um aumento da maior inserção da mulher trabalhadora, tanto no espaço trabalho formal quanto informal do mercado de trabalho, ele traduz-se majoritariamente nas áreas onde predominam os empregos precários e vulneráveis.³

¹ Localizado no centro da cidade do Rio de Janeiro.

²

IBGE, *Síntese dos Indicadores Sociais*.

³ Lea Elisa Silingowschi. *Direito do Trabalho da Mulher: a questão da igualdade jurídica ante a desigualdade fática*. São Paulo: LTr, 2007. p. 63.

Essa inserção desigual no mercado de trabalho acontece como reflexo das discriminações e restrições ainda vivenciadas pelas mulheres em nossa sociedade e da falta de políticas públicas em algumas áreas sociais. A responsabilização social pelas tarefas domésticas e a dupla jornada de trabalho enfrentada pelas mulheres são componentes importantes na manutenção deste cenário.

Considerando que a realidade vivenciada pelas trabalhadoras do SAARA é uma amostra das condições em que a maioria das mulheres estão inseridas no mercado de trabalho brasileiro, em especial, as trabalhadoras do setor comerciário e com o intuito de contribuir para melhoria de sua qualidade de vida, bem como de outras mulheres a Casa da Mulher Trabalhadora – Camtra vem há alguns anos debruçando-se sobre esta situação.

Assim, desde 1999 a Camtra vem desenvolvendo ações voltadas as trabalhadoras do SAARA, no campo de seus direitos individuais e coletivos, disseminando informações sobre saúde sexual e reprodutiva, direitos trabalhistas e violência contra a mulher. Para isto, a Camtra realiza quinzenalmente uma barraca informativa no SAARA; visitas mensais às trabalhadoras nas lojas para a entrega de materiais informativos e preservativos e mantêm 33 trabalhadoras, sendo uma em cada loja, multiplicando informações.

Em 2008, a Camtra produziu o documentário “Eu Sou Auto-Estima” e a cartilha “Mulheres Trabalhadoras Vida e Direitos” que abordam o cotidiano e a vida das mulheres trabalhadoras. Estas publicações têm por finalidade dar visibilidade à realidade das mulheres trabalhadoras e contribuir para o debate acerca das condições

em que as mulheres estão inseridas no mercado de trabalho.

No documentário “Eu Sou Auto-Estima”, trabalhadoras do SAARA relatam seu cotidiano, através de depoimentos sobre a extensa e dupla jornada de trabalho, distância entre a casa e o trabalho, dificuldades para continuar os estudos, discriminações e poucas informações sobre seus direitos... Desde então, principalmente nas apresentações do documentário, inclusive no Fórum Social Mundial/2009, em Belém/PA, e no convívio com outras mulheres, as discussões e os depoimentos revelam a identificação entre trabalhadoras de outros grandes centros urbanos do país e os fatos narrados pelas trabalhadoras do SAARA.

Dando continuidade a este processo de conhecer de forma ainda mais profunda o universo destas mulheres, suas condições de vida e trabalho, o conhecimento e acesso ou não a seus direitos, a Camtra desenvolveu em 2009 a pesquisa “Retrato de Mulheres Trabalhadoras.”

A pesquisa foi realizada com 127 trabalhadoras do SAARA utilizando o método quantitativo, através da aplicação de questionários. Para a melhor compreensão da pesquisa “Retrato de Mulheres Trabalhadoras” e de seus resultados consideramos importante apresentar-lhe o perfil destas trabalhadoras revelado pela pesquisa.

Todas as mulheres entrevistadas são trabalhadoras do setor comerciário e em sua maioria exercem as funções de balconista e vendedora com 29% cada e caixa 12%. Participaram da pesquisa mulheres com a faixa etária entre 18 e 60 anos, contudo a maior parte, 54% são jovens, com 18 a 29 anos de idade. Em maioria são negras considerando 44% que se autodeclararam pardas e 19% pretas. Do universo abrangido pela

pesquisa, praticamente todas as mulheres moram em bairros empobrecidos da cidade do Rio de Janeiro e municípios vizinhos, destacando-se os bairros da Zona Norte e Oeste e Municípios da Baixada Fluminense. A maior parte destas trabalhadoras encontram-se na faixa salarial de R\$ 500,00 a R\$ 599,00 e de R\$ 400,00 a R\$ 499,00 respectivamente, 35% e 21%; e 42% responderam ser chefe de família. Quanto à escolaridade 48% delas têm o ensino médio completo, seguido de ensino fundamental incompleto e ensino médio incompleto com 14% cada uma. 89% não estudam mais. Em relação ao estado civil a maior parte é casada e ou moram com companheiro(a), respectivamente, 40% e 15%, 39% são solteiras.

A realização desta pesquisa aprofunda e traz a tona uma amostra cotidiana das mulheres trabalhadoras, pela qual a Camtra vem debruçando-se e simultaneamente procurando transpô-la para outras esferas da sociedade, com o objetivo de contribuir na construção de novas e/ou na reformulação de políticas públicas, que muitas vezes são construídas sem levar em consideração as especificidades do segmento, setor ou comunidade sobre os quais incidirão.

A grande tônica da pesquisa “Retrato de Mulheres Trabalhadoras” foi a constatação de que a vida destas mulheres gira em torno do trabalho e que seu tempo é dedicado quase que exclusivamente ao trabalho produtivo e reprodutivo, a qual resultou na presente publicação “Trabalho, Tempo e Vida das Mulheres” que convidamos você a conhecer melhor a partir de agora.



Trabalho

Embora tenha ocorrido nos últimos anos maior inserção da mulher no mercado de trabalho, o sistema capitalista mantém-se e reconfigura-se produzindo consequências negativas às condições de trabalho como desigualdades, pobreza, exclusão social entre outras coisas. Quando trata-se das mulheres suas condições de trabalho são ainda piores. A realização da pesquisa "Retrato de Mulheres Trabalhadoras" confirma as condições de precarização e desrespeito aos direitos, dupla jornada e as

discriminações que as mulheres encontram no mercado de trabalho.

A pesquisa ratifica as constatações nacionais de que ao entrarem no mercado de trabalho, as mulheres tem de arcar com a dupla jornada de trabalho, e mesmo tendo participação cada vez maior como responsáveis pelo sustento da família, as tarefas domésticas não são compartilhadas. Isso faz com que recaia sobre as mulheres trabalhadoras a responsabilidade de conciliar a realização do trabalho produtivo com o trabalho reprodutivo. Esta situação, aliada a outros

Trabalho reprodutivo são as tarefas realizadas no âmbito doméstico para sua própria família ou para si própria(o) incluindo-se o cuidado com a família. Geralmente é visto como uma obrigação das mulheres pelo fato de sua imagem está ligada a maternidade e consequentemente ao espaço privado do lar. Não produz mercadoria, por isso não é reconhecido como trabalho e não é remunerado.

Trabalho produtivo é considerado àquele que produz mercadoria e geralmente a pessoa é paga pelo serviço prestado e/ou pode comercializar o que produziu. Comumente realizado no espaço público, ou seja, fora de casa.

componentes interfere para que sua inserção no mercado de trabalho se dê em condições inferiores a dos homens.

Ao tratar sobre trabalho produtivo a pesquisa “Retrato de Mulheres Trabalhadoras” mostrou que grande parte das trabalhadoras, 30%, trabalham 10 horas diárias, de segunda a sábado, podendo se estender aos domingos e feriados durante os períodos festivos. Como pagamento deste trabalho recebem em torno de 1 salário mínimo, sendo 21% 1 sm (R\$ 465,00) e 35% R\$ 512,67 (o piso estadual da categoria estabelecido no ano de 2009). Ao cruzarmos a renda mensal com a jornada de trabalho produtivo destas mulheres fica evidente o quanto seu trabalho é pouco valorizado e mal remunerado. Outro dado revelado pela pesquisa é que a maior parte das trabalhadoras são chefes de famílias 42%, ou seja, são as responsáveis pela renda e garantia do sustento de sua família. Significa dizer que quase a metade dessas trabalhadoras está no mercado de trabalho para garantir a sua sobrevivência e de sua família, não apenas para complementar a renda familiar. Este dado é muito importante para contestarmos um



dos grandes mitos usado para justificar a diferença salarial entre homens e mulheres: de que o salário da mulher é apenas uma complementação para ajudar a renda da família. O índice de mulheres chefes de família entre as trabalhadoras do SAARA encontrado pela pesquisa, superou as médias nacional, 29,6% e Estadual 33,6% do total de mulheres ocupadas.¹

No que diz respeito a escolaridade das entrevistadas 29% tiveram formação profissionalizante no Ensino Médio. Destacando-se entre estas formação de professoras(es), técnica em contabilidade e administração. Isso demonstra que mesmo tendo uma profissão estas mulheres não conseguiram fixar-se

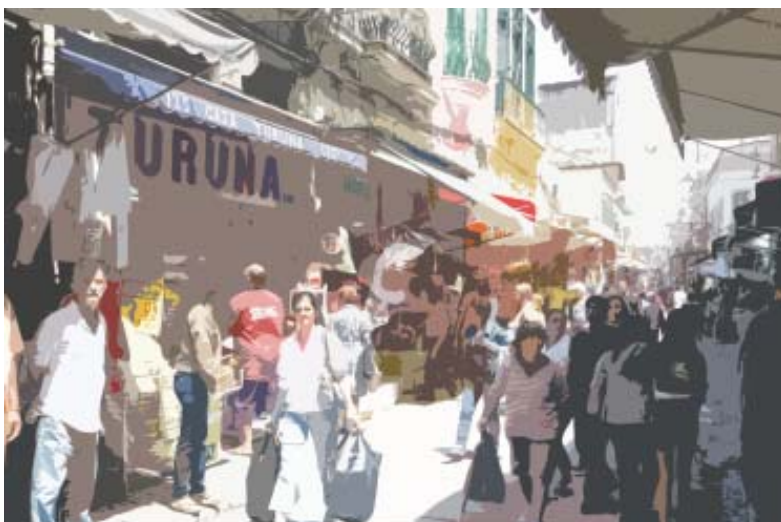
no mercado de trabalho nos setores de sua formação sendo, assim, absorvidas de forma precarizada e subempregadas no comércio, em sua maioria como balconistas, vendedoras e operadoras de caixa recebendo em geral salário inferior aos pisos das categorias de sua

Divisão sexual do trabalho – os trabalhos são divididos: a) socialmente entre trabalhos de homem (produtivo) e trabalhos de mulher (reprodutivo); b) hierarquicamente o trabalho dos homens passa a valer mais do que o das mulheres e estas ficam em situação de subordinação aos homens. Fica reservado unicamente às mulheres a responsabilidade com o trabalho doméstico, que culturalmente não é reconhecido enquanto trabalho.

Feminização do trabalho diz respeito ao aumento da participação das mulheres em determinadas funções no mercado de trabalho, que geralmente exigem cuidado e/ou estão ligadas à educação e a saúde, estas funções são ditas femininas e por conta disso passam a ser desprezadas e marcadas pela precarização.

1

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2006, do IBGE



formação. Além disso, essas funções são ocupadas majoritariamente pela mão-de-obra feminina ocorrendo a feminização destas funções, que acontece através da desvalorização do trabalho das mulheres. Mantendo assim, as relações de poder e hierarquia dos homens sobre as mulheres, desprezando e colocando seu trabalho como algo de baixo valor ou até mesmo dispensável, o qual passa não representar prestígio. Isso ocasiona os salários menores e os empregos precários e vulneráveis.

Ainda sobre a situação de precariedade em que estas mulheres encontram-se no mercado de trabalho, gostaríamos de ressaltar que, embora 62 % das entrevistadas tenham declarado ter carteira assinada, o número de horas gastas no trabalho produtivo demonstra que estas trabalhadoras não tem seus direitos plenamente assegurados, pois tem uma jornada de trabalho muito extensa, maior do que as 8 horas diárias, previstas em lei. Essa situação é reforçada por outras questões, mas, devido ao nível de exposição e vulnerabilidade que se encontram não foram possíveis abordar na pesquisa, visto que a mesma foi realizada no local de trabalho destas mulheres. Por exemplo, a pesquisa mostra que a maioria destas trabalhadoras são moradoras da Zona Norte e Zona Oeste do município do Rio de Janeiro e de outros municípios da Baixada Fluminense, através do contato que a Camtra vem tendo com estas trabalhadoras do Saara podemos verificar, em outras ocasiões, que estas recebem apenas a passagem para pagar duas conduções, uma para vir e outra para voltar, no



entanto, analisando a distância entre as localidades onde moram e seu local de trabalho, e ainda a precariedade dos serviços públicos de transporte, o valor da passagem que recebem é insuficiente para custear este gasto. Outra questão recorrente é que além de serem mal remuneradas também são exploradas. Estas trabalhadoras acabam acumulando funções, embora a maioria destas

trabalhadoras esteja empregada nas funções de vendedoras, caixas e balconistas, como já citado anteriormente, por muitas vezes, também tem que limpar a loja, abrir e fechar a loja, entre outros. No documentário "Eu sou Auto-Estima", que para nós é um complemento do retrato que estamos empenhadas em fazer sobre as condições de trabalho destas mulheres, algumas trabalhadoras relataram conhecer



essas desigualdades e precarização não acontecem apenas no trabalho produtivo, mas também no trabalho reprodutivo. Segundo a pesquisa 54% das mulheres trabalhadoras do Saara são as únicas responsáveis pelo trabalho dentro de suas casas e famílias. Ao responderem a questão sobre quais tarefas realizam em casa a maioria respondeu: todas (19%), cozinhar (15%), lavar roupa (13%), lavar roupa (11%), cuidar da/o filha/o (6%), entre outras. Podemos observar que apesar de todos os avanços no campo dos direitos das mulheres, as relações familiares e conjugais ainda baseiam-se na desigualdade entre os sexos e na herança patriarcal. Onde as tarefas domésticas são vistas como obrigação exclusiva das mulheres, mesmo quando estão inseridas no mercado de trabalho e sua renda é indispensável à renda familiar, recaindo sobre estas o desafio de conciliar as duas funções, muitas vezes sem a cooperação de outros/as membros da família. Esta dupla jornada interfere diretamente no desempenho e colocação das mulheres no mercado de trabalho que, acabam se sujeitando a receber salários menores ou a trabalhos mais vulneráveis e precários para conciliar às tarefas domésticas.

A pesquisa mostra ainda, que as trabalhadoras são as responsáveis (54%) e ou co-responsáveis (28%) pelas tarefas domésticas e quando estas são de responsabilidade de outra pessoa da família, que representam 12% do total, em

casos de assédio sexual no ambiente de trabalho, porém muitas não denunciam devido a falta de informação e/ou por medo de perder o emprego. Outra questão que ficou muito evidente foi a falta de conhecimento quanto aos seus direitos e sobre os sindicatos de sua categoria.

Antes e depois da jornada de trabalho descrita acima, estas mulheres ainda são responsáveis pela realização do trabalho

reprodutivo: cuidar das tarefas domésticas e familiares como, por exemplo, cuidar das (os) filhas(os), do marido, entre outros. Mas geralmente estas tarefas não são reconhecidas como trabalho e é visto como uma obrigação da mulher. É um trabalho não valorado.

Como nós entendemos por trabalho não apenas o produtivo, visto que todas as mulheres são trabalhadoras, ressaltamos que

geral este encargo também fica para outras mulheres, 49 % mães, 9% irmãs, 6% avós das entrevistadas, e apenas 6% citaram os companheiros/maridos. Dentre as mulheres que responderam que ela e mais outra pessoa da família são as responsáveis pelo trabalho doméstico, embora 41% tenham citados os companheiros/maridos como a outra pessoa responsável, em muitas dessas respostas vinha escrito de que estes ajudam nas tarefas. O que embora revele um avanço, por outro lado, nos permite constatar que mesmo ao realizar tarefas domésticas e familiares, muitas vezes os homens não são os responsáveis por estas, apenas ajudam na realização das tarefas, que assim, continuam a ser de responsabilidade das mulheres. Reforçando, mais uma vez, a responsabilização em cima das mulheres pela realização do trabalho reprodutivo.

A ideia de que as mulheres são as únicas responsáveis pelo trabalho reprodutivo e a invisibilidade deste como um trabalho mantém a divisão sexual do trabalho intacta, sustentando a lógica do capital e legitimando os baixos salários, as desigualdades e as condições precárias de trabalho das mulheres.

Ainda sobre esta temática, outra questão apresentada foi se os homens fazem alguma tarefa doméstica, 53% das trabalhadoras responderam que não, eles não fazem nenhuma tarefa e 38 % responderam que sim. É importante observar que esta pergunta não se restringia apenas

aos companheiros, e sim, a qualquer homem que componha a família (filho, pai, tio...). Porém, das 38% que afirmaram que os homens fazem alguma tarefa doméstica, ao descreve-las referiam-se àquelas exteriores a casa como, por exemplo: limpar, lavar o quintal e a varanda 9%, levar e/ou buscar as/os filhas/os na escola e 6% apenas cuidam das/os filhas/os. O que nos permite observar que mesmo nos casos em que há uma certa divisão do trabalho doméstico, o tipo de função e o valor atribuído ao trabalho ditos masculino e feminino é realizado a partir de uma construção cultural diferenciada, que reforça a ideia de que cabe aos homens o espaço público e às mulheres os espaços privados. Culturalmente é construída a ideia de que cabe às mulheres a responsabilidade com o trabalho reprodutivo, como esse trabalho não é valorizado e muitas das vezes sequer reconhecido como um trabalho, as mulheres acabam ficando em situação inferior aos homens. Apesar das mulheres estarem na esfera do trabalho produtivo, o trabalho reprodutivo ainda é considerado de responsabilidade apenas das mulheres.





Tempo

“Ninguém nasce mulher: torna-se. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade” Simone de Beauvoir.

O tempo das mulheres:

Ao tratarmos do tempo das mulheres é necessário fazermos uma distinção, o tempo das mulheres não é igual, pois está diretamente ligado a classe e a raça/cor/etnia.

Na pesquisa “Retrato de Mulheres Trabalhadoras” realizada pela Camtra, junto a 127 mulheres que trabalham no Saara levou-se em consideração os tempos – tempo (trabalho/capital) e o tempo (não valorado), ou seja, aquele onde as mulheres quase que na sua totalidade, (ver gráfico nº 15) ainda são responsáveis pelas tarefas domésticas, com o cuidado das (os) filhas(os).

Para entendermos mais de perto esta realidade foi necessário conhecermos os gostos, hábitos, costumes e lazer das trabalhadoras, que enfrentam ônibus, trem lotado, anda a pé, mais não sai do salto. Enfrentando todo tipo de adversidade todos os dias, moradora de bairros e municípios mais distantes do Centro do Rio de Janeiro. Ganhando salários que não dão conta das suas necessidades básicas, trabalhando¹ cerca de 10h diárias, sustentando a casa, pagando alguém para “olhar” suas(seus) filhas(os), impedidas de continuar estudando por falta de tempo que concilie o estudo com trabalho e filhas(os), (ver gráfico nº 11). Por outro lado, estas mesmas trabalhadoras que

enfrentam tantas dificuldades esforçam-se para se manterem atualizadas, como exemplo o acesso a internet, leem jornais populares, livros(romance), gostam de novelas, filmes e programas de auditório. E, como lazer elegem praia/cinema/baile, como favoritos.

O tempo das mulheres trabalhadoras ultrapassa às 24h, é uma conta que ultrapassa as leis da física, ele é dividido entre o espaço público e o privado, sendo que o primeiro, mesmo não sendo um trabalho que garanta integralmente o sustento da trabalhadora e das(os) suas(seus) familiares, tem um valor mercantil, já as tarefas/cuidados realizados principalmente pelas mulheres

¹ Trabalho produtivo

no espaço privado, embora sejam estruturantes para o restante da sociedade não são contabilizados, trazendo um enorme prejuízo às mulheres, principalmente por que as relações são baseadas em valores machistas, racistas e homofóbicos, o que acentua mais ainda a desigualdade, interferindo diretamente na vida das mulheres, em especial as negras.

Embora estas profissões sejam exercidas principalmente por mulheres, ainda mais no Saara, setor de vendas, de comércio popular, levando em consideração a feminilização de certas profissões, as trabalhadoras do Saara, em sua maioria são balconistas, estoquistas, vendedoras, operadoras de caixa. Jovens, casadas e/ou com responsabilidades de donas de casa; negras/pardas com muitas responsabilidades da casa para o trabalho, do trabalho para a casa. Esta trabalhadora é uma mulher sem ter tempo; sem tempo para nada.

O tempo da Casa (trabalho não valorado):

Desafiando as leis da física, as trabalhadoras do Saara, em uma conta que não fecha, são responsáveis pela maioria das tarefas domésticas. Mesmo quando ela não é a principal responsável, no caso das mulheres solteiras que moram com mãe/pai e/ou outro parente, mesmo assim, é outra mulher a responsável por estas tarefas que levam em média cerca de 2h por dia, durante a semana; já no final de semana (domingo), a pesquisa mostra que quando fazemos a pergunta "quando esta de folga o que você faz?" (gráfico nº30) dois itens se somam, em uma pesquisa com 127 mulheres, 110 ficam em casa/cuidam da casa.

O tempo gasto nas tarefas domésticas pelas trabalhadoras durante a semana leva em torno de umas três

horas por dia sendo que aos finais, têm depoimentos em que as mulheres falam que "trabalham o tempo inteiro e não tem nem como contar".

As tarefas domésticas executadas pelas trabalhadoras são lavar, passar, cozinhar, varrer, passar o pano na casa, encerar; cuidar das crianças e das(os) mais velhas(os).

O tempo: "Não estudo porque não tenho tempo para mais nada, só trabalho e casa" (depoimento de uma entrevistada na pesquisa "Retrato de Mulheres Trabalhadoras")

Estudo das Trabalhadoras:

De toda as repostas, esta, sem dúvida, foi a que mais nos causou impacto. Levando em consideração que a educação é um fator determinante para a construção de perspectivas, do ponto de vista, de crescimento e deslocamento social, ou seja, a possibilidade de ascensão da classe trabalhadora passa pela a educação. E no caso das trabalhadoras (gráfico) 89% não estudam e o fator principal é a falta de tempo. Nesta falta de tempo incluem políticas de incentivo para as/os trabalhadoras/es à educação; uma política de transporte que atenda às necessidades reais das/os trabalhadoras/es, pelo cumprimento/ampliação da Lei de creche; (Art.7º, XXV, CF) estas responsabilidades diretas de políticas nas esferas públicas governamentais.

E, por outro lado, a coresponsabilidade nas atividades do cuidado e dos afetos. É urgente, a transformação das responsabilidades, das tarefas, do cuidado humano. A produção(trabalho) não pode ser pensada, planejada e estruturada como se estas tarefas não fizessem parte do trabalho, alguém está pagando essa conta, e muito caro, são as mulheres que vêm sistematicamente sendo responsáveis por esta parte do trabalho não valorado.

Um recente estudo realizado pelo IBMEC, através dos dados levantados pela Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) em 2006, do IBGE, demonstra que entre os homens e as mulheres que cumprem uma jornada de trabalho de 40 horas ou mais por semana, a dedicação às tarefas domésticas são respectivamente de 5 e 18 horas semanais². O que quer dizer que mesmo cumprindo o mesmo número de horas na jornada de trabalho as mulheres chegam a trabalhar quase o quádruplo de horas a mais do que os homens nas tarefas domésticas; chegando a trabalhar mais 58 horas por semana juntando o trabalho formal ao desempenhado dentro de casa.

O tempo do lazer das mulheres: praia, baile, bar, novelas, programas de auditórios e jornais.

Esse tempo, muitas vezes, é confundido com o cuidado da própria casa, pois, muitos depoimentos falam em "ficar em casa" como boa parte do lazer; ir à praia e frequentar bar, cinema e outros fazem parte do universo de lazer das mulheres trabalhadoras, considerado o pouco tempo que existe para tal, e ainda conjugando este tempo aos recursos, deslocamentos e gastos para tal.

Ao constatarmos o tempo/e ou a falta de tempo das mulheres, aqui trabalhada nesta amostragem, não estamos sugerindo o retorno das mulheres ao lar, muito ao contrário, estamos falando de políticas públicas e da divisão ou coresponsabilidades de tarefas, sem estes elementos a autonomia das mulheres fica sensivelmente prejudicada.

² ROLLI, CLAUDIA. Mulheres atuam 18 horas em casa por semana; os homens, 5 horas. Folha de S.Paulo, São Paulo, 17 de Maio 2008. Disponível em www1.folha.uol.com.br/folha/. Acesso em 10 jun. 2008.



Vida das mulheres

Ao longo deste livro refletimos sobre o trabalho e o tempo das mulheres trabalhadoras na perspectiva de demonstrar o que percebemos vivenciando junto as comerciárias do Saara. Embora esta seja uma, dentro da pluralidade de categorias que compõem o mundo do trabalho e também seja um pequeno exemplo diante do universo de mulheres que encontram-se nesta categoria, as informações da pesquisa “Retrato de Mulheres Trabalhadoras” vão ao encontro de pesquisas realizadas estadual e nacionalmente sobre a situação das

mulheres no mercado de trabalho.

“Retrato de Mulheres Trabalhadoras” nos traz a dura constatação de que a vida das mulheres trabalhadoras tende a se restringir ao trabalho. E que ao tratarmos deste tema, vinculando-o à vida das mulheres, seu significado se pluraliza, por que ao contrário dos homens ou pelo menos da maioria deles, as mulheres além de exercerem o trabalho produtivo também são responsáveis pelas tarefas domésticas. Dentre as entrevistadas apenas 12% responderam não ser as responsáveis ou co-responsáveis pelo trabalho

doméstico, mas ainda assim ao serem questionadas sobre “quais são suas tarefas/responsabilidades em casa” estas mulheres citaram ao menos uma tarefa diária, como arrumar a cama e lavar a própria roupa, por exemplo. Ao relacionarmos as respostas mais recorrentes quanto ao tempo dedicado aos trabalhos aparecem: produtivo, 10h e reprodutivo, 2 a 3 horas; com o tempo gasto no deslocamento casa-trabalho-casa, 2 a 4 horas, constatamos que as mulheres chegam a trabalhar até 16 horas diariamente. Por isso é possível afirmarmos que o cotidiano destas acaba sendo limitado a dedicar-

se e dividir-se entre a produção e a família, conforme demonstram alguns dos depoimentos ao responder: “o que você faz quando está de folga?” 42% afirmaram cuidar da casa e 26% ficar em casa.

Essa constatação nos fez pensar sobre como as mulheres organizam seu tempo, no entanto, o segundo capítulo do livro, ‘Tempo’ nos faz perceber que, do ponto de vista das mulheres isso é quase inexistente. Ao se referir a este assunto, elas geralmente utilizam a expressão ‘falta de tempo de/para’, e a partir daí seguem-se uma série de anseios que mesmo num ambiente onde 54% são jovens tornam-se difíceis de realizar como, por exemplo, os estudos. Das 127 entrevistadas 89% não estudam e destas 68% atribuem como causa “a falta de tempo”; “o trabalho” e “os/as filhos/as”, ou seja, os trabalhos. Este dado também nos leva a triste constatação de que a falta de tempo ou a quase que exclusiva dedicação da vida das mulheres aos trabalhos acaba por limitar suas possibilidades de continuidade dos estudos e de crescimento profissional, visto que a maioria das entrevistadas chegou ao Ensino Médio ou Fundamental. E mais ainda, pode acabar criando falta de expectativa nestas mulheres, verifica-se: ao serem questionadas “por que não estudam?” algumas responderam “por ter concluído o Ensino Médio”.

Ao cruzarmos os dados destes trabalhos com os dados sobre o tempo avaliamos que as condições vividas pelas mulheres trabalhadoras não estão alheias a nossa estrutura de sociedade, já que, se por um lado, as mulheres sofrem com a falta de tempo causada pelo excesso de



trabalhos realizados por elas, que por muitas vezes chegam a acumular até três jornadas. Por outro lado há quem se favoreça com este acúmulo de tarefas e responsabilidades: os homens e o capitalismo.

As mulheres destinam a maior parte de seu tempo a trabalhar, isso acontece porque mesmo que nós mulheres tenhamos conquistado

espaço no mercado de trabalho e a possibilidade de nos tornarmos independentes financeiramente, este logro ainda não foi suficiente para alterarmos as responsabilidades quanto ao trabalho reprodutivo. Assim continuamos a arcar sozinhas com a maioria e geralmente com todas as tarefas domésticas e os homens, por sua vez, seguiram com

mais 'tempo livre' do que nós, podendo, por exemplo, qualificar-se em sua profissão, participar politicamente, ou até mesmo ter mais de um emprego. Dados da pesquisa "Retrato de Mulheres Trabalhadoras" mostram que das 127 trabalhadoras entrevistadas 116 tinham homens em casa, destes 53% não realizavam nenhuma tarefa doméstica.

Na atual sociedade o trabalho reprodutivo das mulheres também beneficia ao sistema capitalista, já que, ao ser realizado pela "dona de casa" este trabalho não é remunerado, sendo assim uma mão de obra que não gera custo. Além disso, os dados revelam que o Estado se exime da responsabilidade para com o cuidado com as crianças, verificamos que apenas 01 dentre as 127 entrevistadas deixava sua/seu filha/filho em creche pública, 60% ficam com outras pessoas como mãe, vizinhas/amigas, em geral outras mulheres e mesmo com os baixos salários recebidos por estas trabalhadoras, 39 % pagam valores que variam entre R\$ 75,00 (4%) a R\$ 250,00 (4%), para ficarem com suas/seus filhas/filhos.

O cenário configurado neste livro traz à tona a precariedade do trabalho e para muitas até mesmo a falta de perspectiva na vida das mulheres trabalhadoras. Isso confirma a urgência de realizar políticas públicas que faça cumprir os direitos já conquistados como: "a proteção ao mercado de trabalho da mulher, por meio de incentivos específicos, nos termos da lei; a proibição de diferenças salariais, do exercício de funções e critérios de admissão por motivos de sexo, idade, cor e estado civil; a garantia da estabilidade da gestante desde a confirmação da gravidez até 5 meses após o parto; a proibição de



atestados de gravidez e de esterilidade para a contratação de mulheres, a criminalização do assédio sexual."¹

E ainda assistir gratuitamente as/os filhas/os e dependentes das/os trabalhadoras/es desde o nascimento até 5 anos de idade em creches e pré-escolas. Bem como, a elaboração de novas políticas para garantir que: "o Estado e a parcela masculina da sociedade assumam a sua cota de responsabilidade na divisão das tarefas até hoje desempenhadas pelas mulheres em suas casas e famílias; intervenção do Estado junto ao mercado de trabalho de forma a coibir as estratégias do mesmo para alcançarem maior lucratividade em cima da exploração e desrespeito aos direitos das mulheres trabalhadoras e outras parcelas mais vulneráveis da sociedade."²

Para que as mulheres trabalhadoras tenham de fato direito ao trabalho, tempo e a sua própria

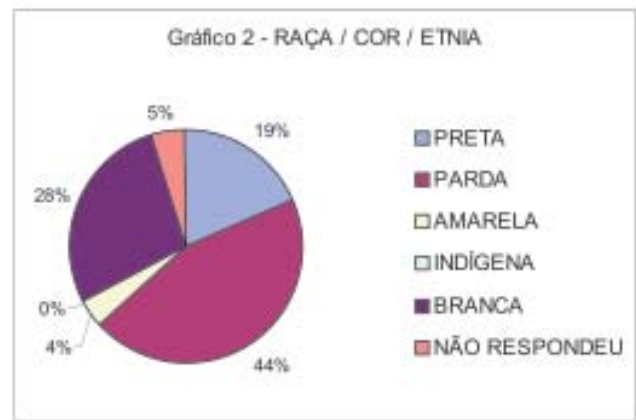
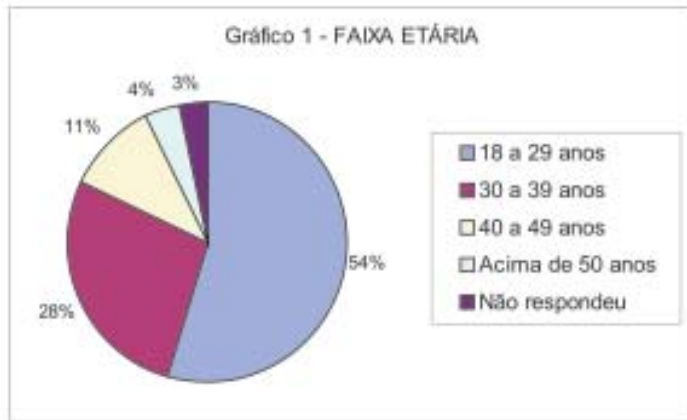
vida faz-se necessário, além de políticas públicas que garantam os direitos, sua auto-organização para que juntas possam fortalecer a si próprias; sensibilização de toda a sociedade por igualdade de direitos entre mulheres e homens, independente de sua raça/etnia/cor; credo/religião; orientação sexual; para construção de um outro sistema onde o lucro não seja mais importante que a vida e onde combatamos todas as formas de discriminação.

¹ SANTOS, Lara Amora. *Discriminação de Gênero no Mercado de Trabalho Brasileiro: entre as leis e a realidade*. 2008. 67f. Monografia (graduação em Direito) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas, Faculdade de Direito, Rio de Janeiro, p. 64.

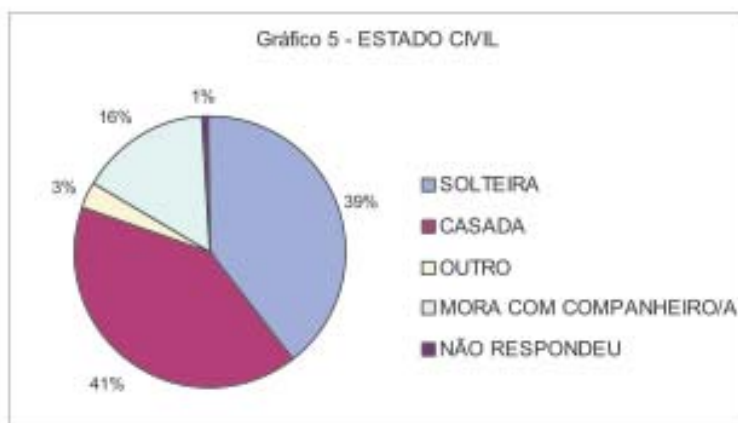
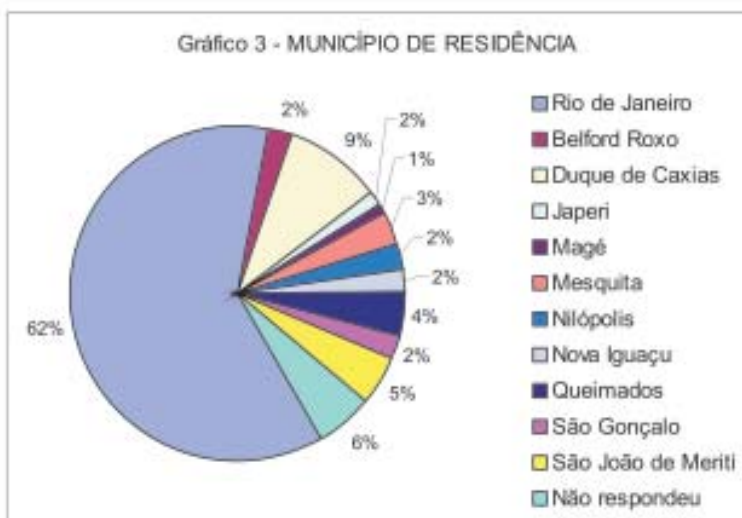
² Idem, p. 65.

Dados da Pesquisa “Retrato de Mulheres Trabalhadoras”

PERFIL



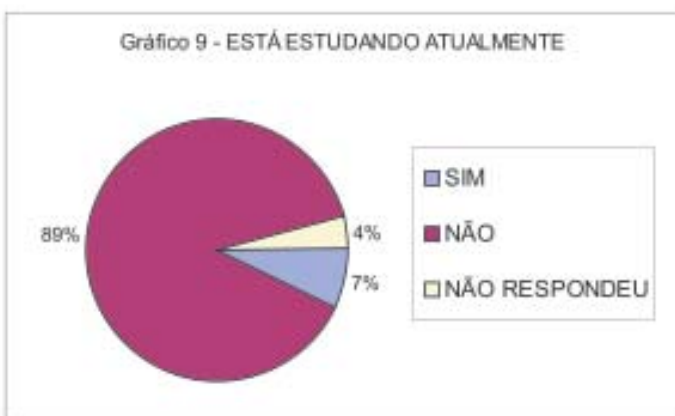
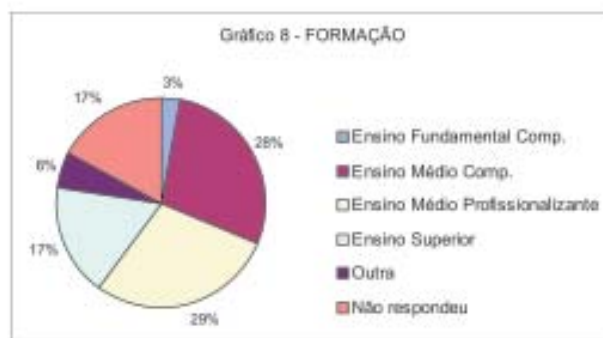
A porcentagem 0% se refere à opção "Indígena"



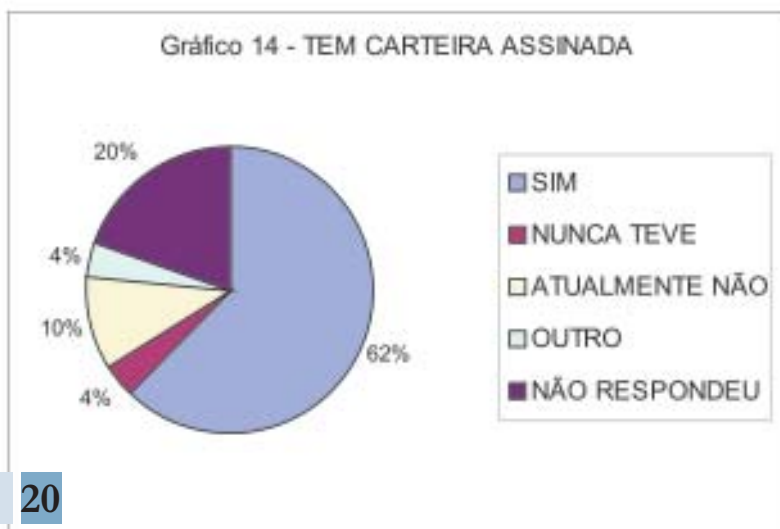
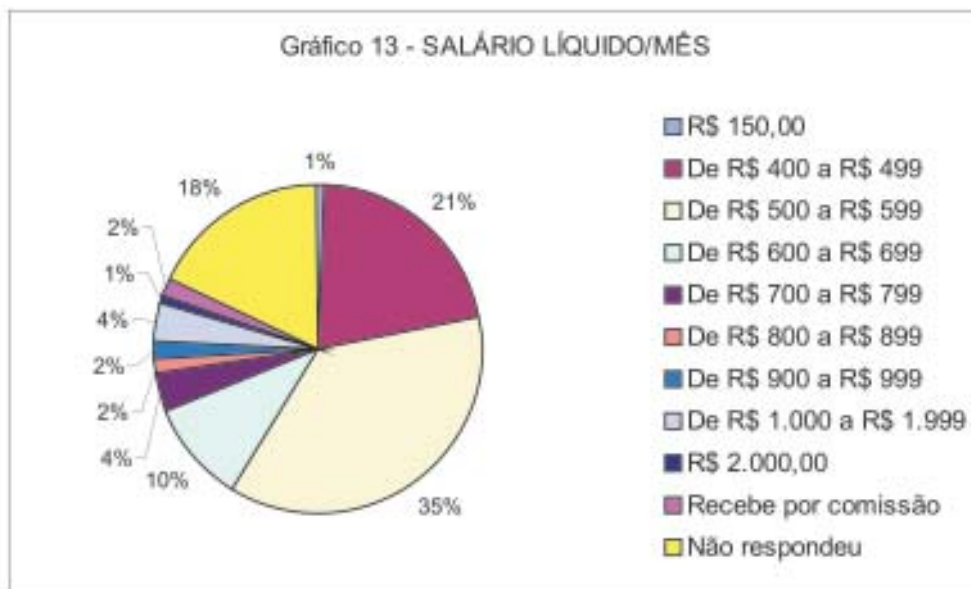
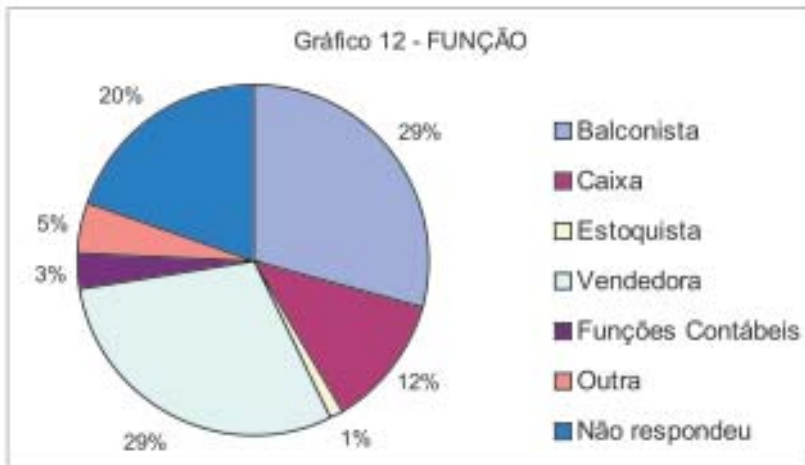
ESTUDO



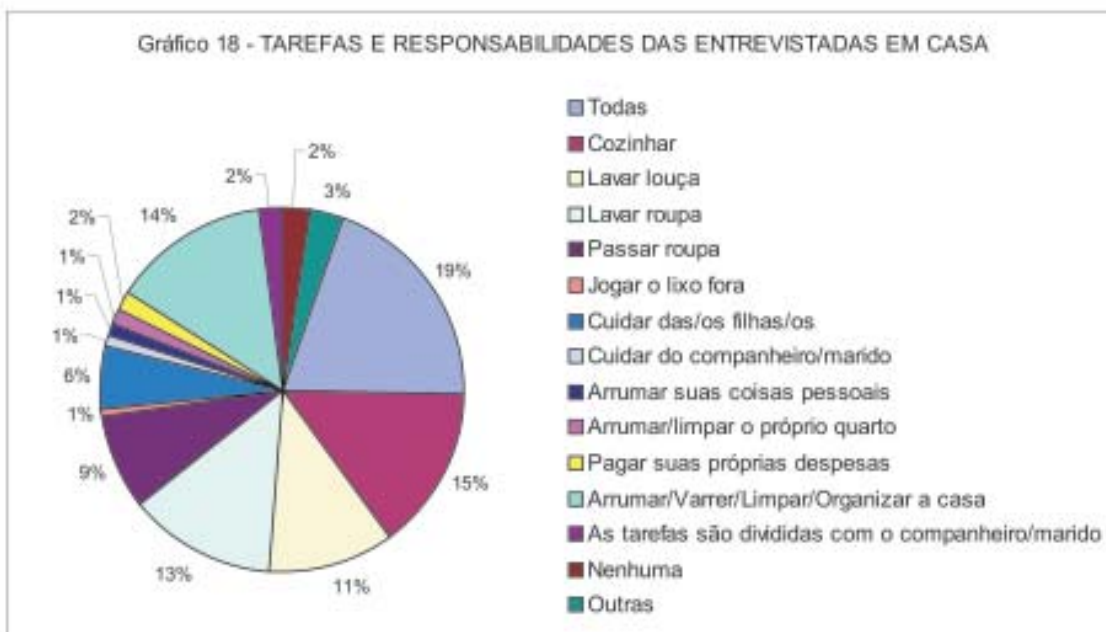
As porcentagens 0% se referem à opções "Mestrado" e "Doutorado"



TRABALHO PRODUTIVO

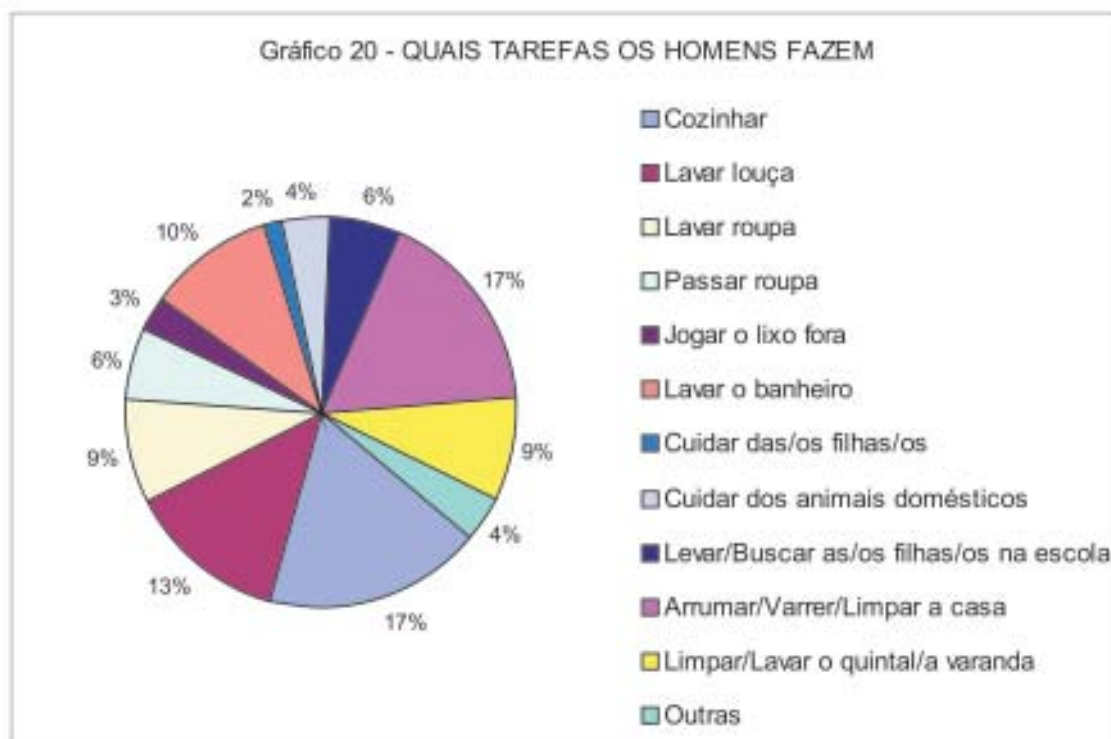
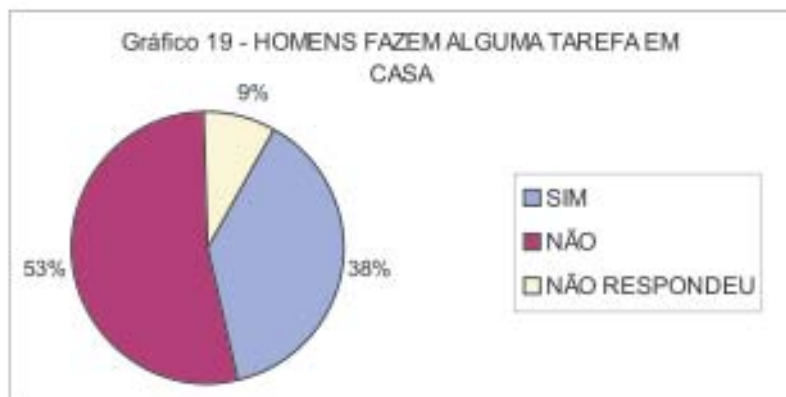


TRABALHO REPRODUTIVO



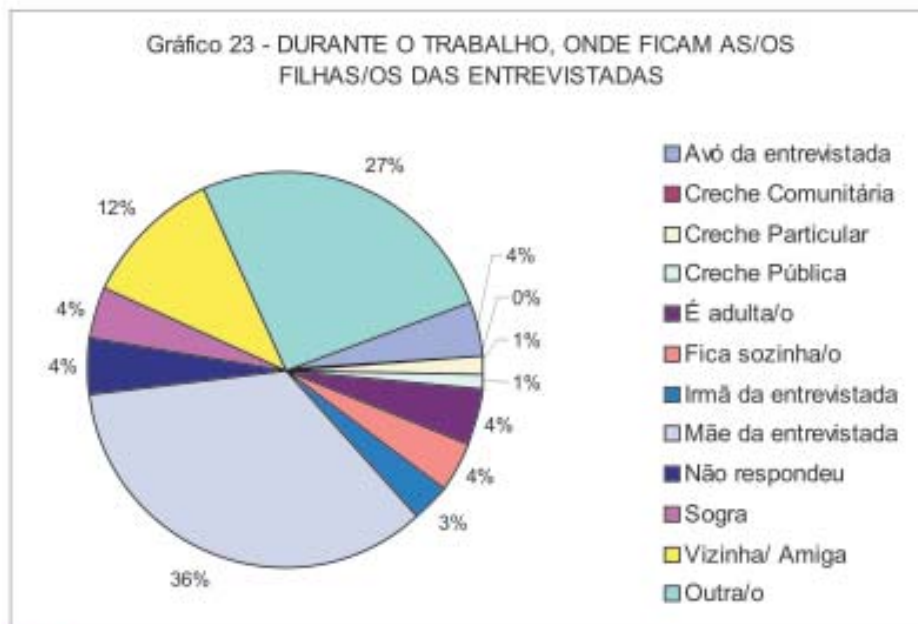
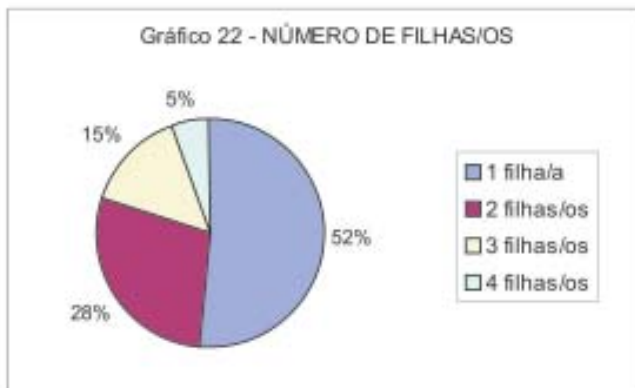
* Respostas Múltiplas

TRABALHO REPRODUTIVO



* Respostas Múltiplas

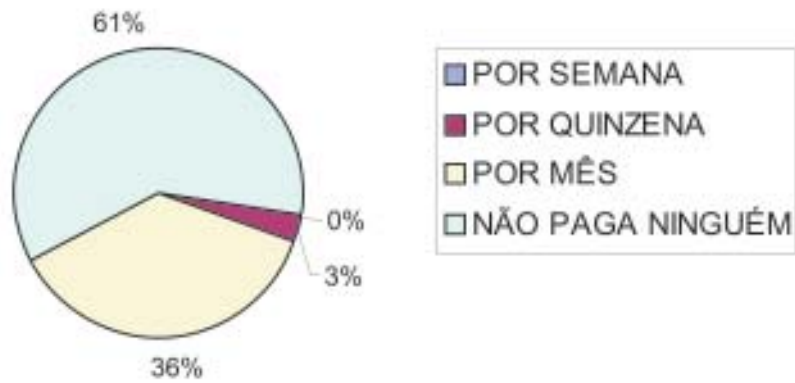
FILHAS(OS)



■ A percentagem 0% se refere à opção "Creche Comunitária"

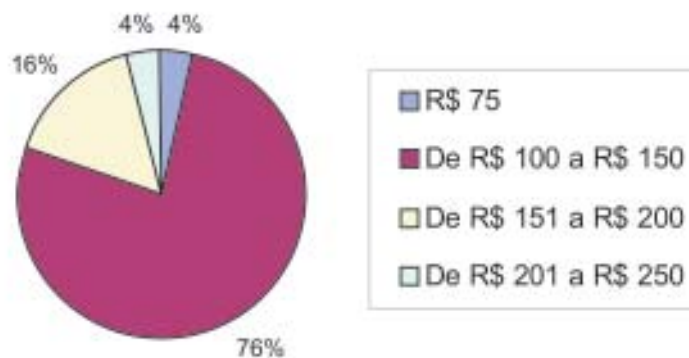
FILHAS(OS)

Gráfico 24 - PAGA ALGUÉM PARA CUIDAR DAS CRIANÇAS



■ A porcentagem 0% se refere à opção "Por Semana"

Gráfico 25 - PAGA ALGUÉM PARA CUIDAR DAS CRIANÇAS - Valor

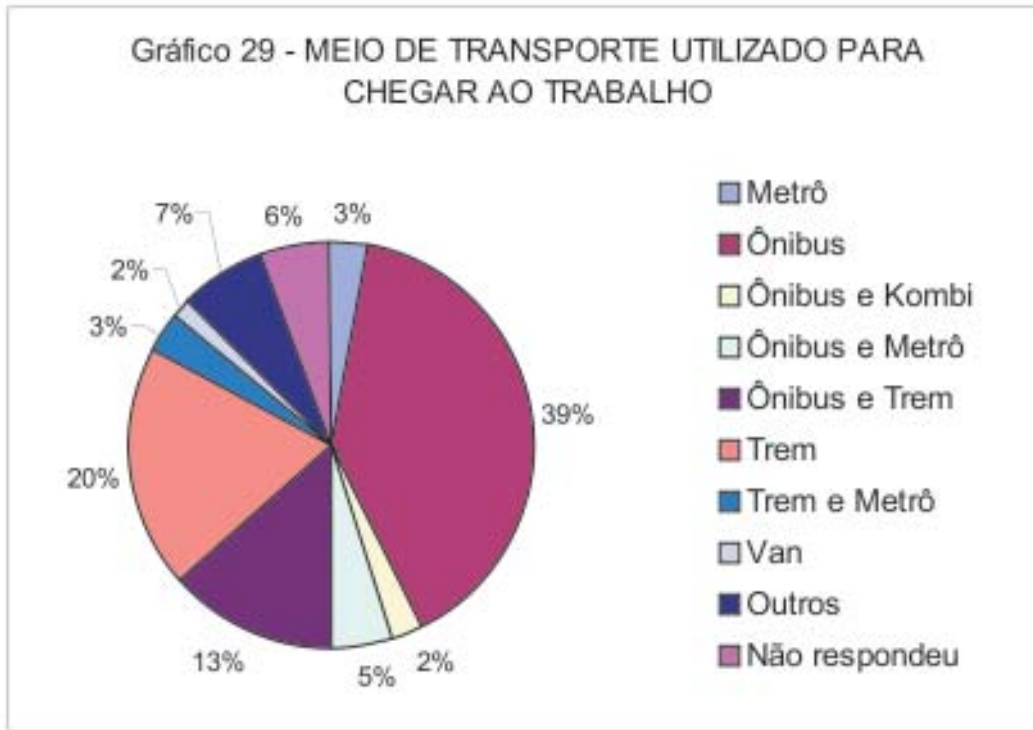


* O gráfico 25 refere-se a porcentagem de 39% das entrevistas que pagam para alguém cuidar das crianças

TEMPO



MEIO DE TRANSPORTE



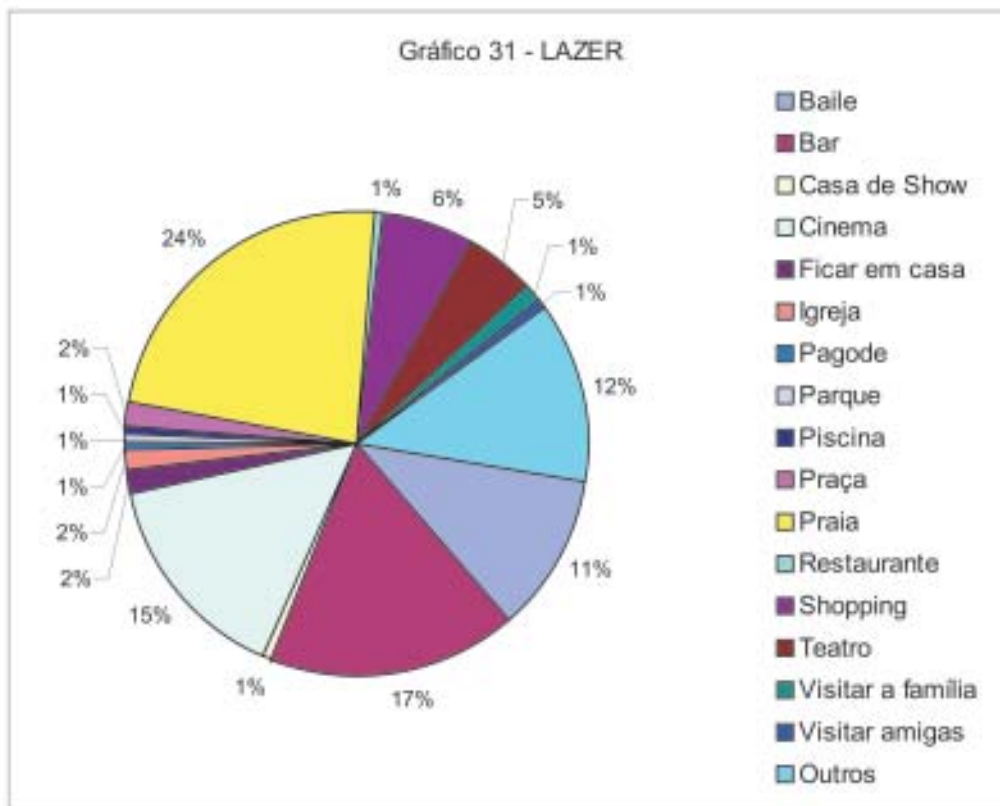
TEMPO LIVRE E LAZER

Gráfico 30 - O QUE FAZ QUANDO ESTÁ DE FOLGA



* Respostas Múltiplas

Gráfico 31 - LAZER



* Respostas Múltiplas

TEMPO LIVRE E LAZER

Gráfico 32 - FREQUÊNCIA DE LEITURA

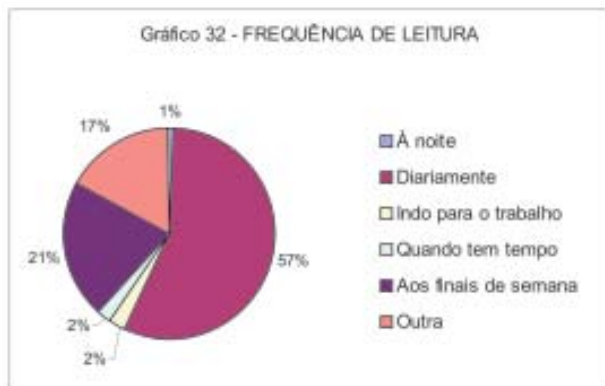
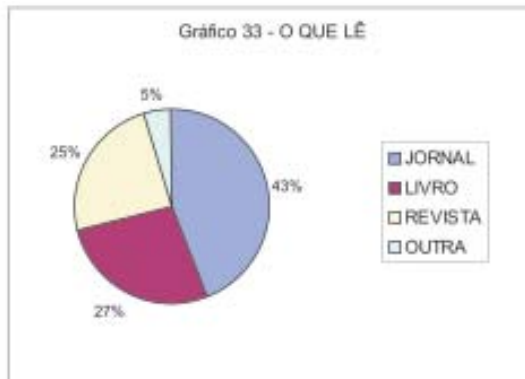


Gráfico 33 - O QUE LÊ

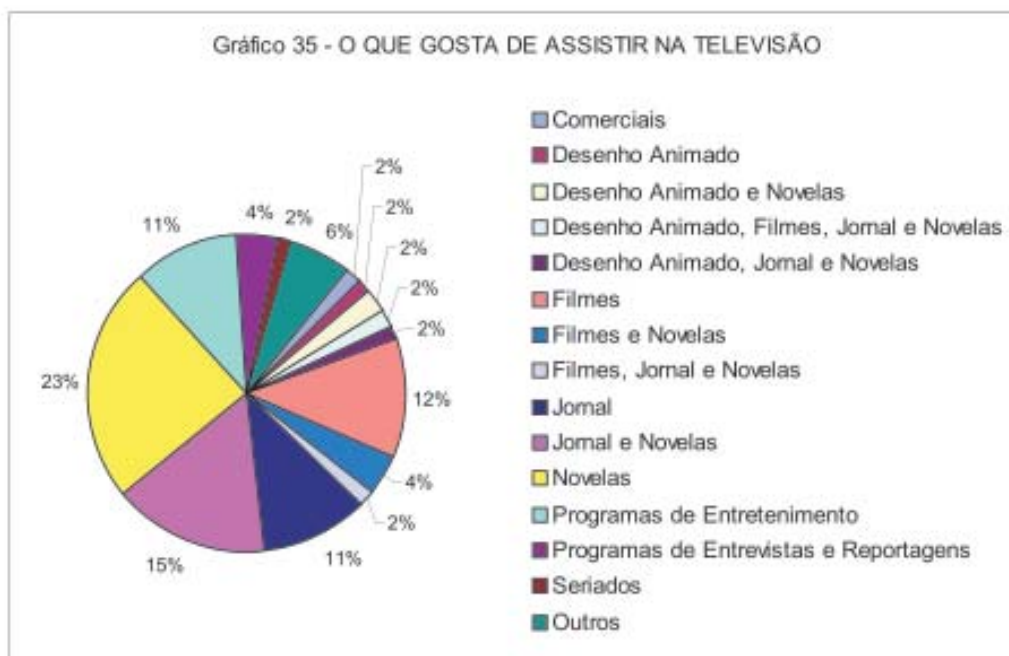


* Respostas Múltiplas

Gráfico 34 - ASSISTE TELEVISÃO



Gráfico 35 - O QUE GOSTA DE ASSISTIR NA TELEVISÃO



* Respostas Múltiplas

Referências Bibliográficas

BEAUVOIR, Simone. *O Segundo Sexo*. Editora Nova Fronteira, 9ª impressão. Rio de Janeiro, 1980.

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro, 2003.

CALIL, Lea Elisa Silingowschi. *Direito do Trabalho da Mulher: a questão da igualdade jurídica ante a desigualdade fática*. São Paulo: LTr, 2007.

CAMTRA, Casa da Mulher Trabalhadora e NPC, Núcleo Piratininga de Comunicação. *Mulheres Trabalhadoras Vida e Direitos*. Rio de Janeiro, RJ, 2008.

HIRATA, Helena. *Nova Divisão Sexual do Trabalho? Um olhar voltado para a empresa e a sociedade*. Boitempo Editorial. São Paulo, 2002.

NOGUEIRA, Claudia Mazzei. *O Trabalho Duplicado: a divisão sexual no trabalho e reprodução: um estudo das trabalhadoras do telemarketing*. Expressão Popular. São Paulo, 2009.

PERROT, Michelle e DUBY, Georges. *História das Mulheres no Ocidente. Vol. 3: Do Renascimento à Idade Moderna*. Edições Afrontamento, Porto, 1991.

SANTOS, Iara Amora. *Discriminação de Gênero no Mercado de Trabalho Brasileiro: entre as leis e a realidade*. 2008. 67f. Monografia (graduação em Direito) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas, Faculdade de Direito, Rio de Janeiro.

SOF, Sempre Viva Organização Feminista. *A Produção do Viver*. Cadernos Sempre Viva. São Paulo, 2003.

SOF, Sempre Viva Organização Feminista. *Gênero e Desigualdade*. Cadernos Sempre Viva. São Paulo, 1997.

VARELA, Nuria. *Feminismo para Principantes*. Ediciones B. Barcelona, 2008.

WERNECK, Jurema. *Mulheres Negras: um Olhar sobre as Lutas Sociais e as Políticas Públicas no Brasil*. Rio de Janeiro, 2009.

Agradecimentos

Registramos nossa gratidão aquelas(es) que que contribuíram com a realização e sistematização da pesquisa “Retrato de Mulheres Trabalhadoras” tornando possível a produção desta obra.

Ana Carolina Coelho de Souza

Carla de Oliveira Romão

Cyntia Araújo Costa da Silva Rêgo

Felipe Silveira Marques

Ismin Amora de Castro Silva

Laura Hofberger

Marcelle Araújo Costa da Silva Rêgo

Trabalhadoras do SAARA que participaram da pesquisa.

Realização



Apoio



ISBN 978-85-61881-03-0

